

Medo dos comunistas faz a polícia Desconfiar de deus e o mundo

Luiz Gonzaga Cortez

A revolta comunista de Natal, que antecipou e levou ao fracasso a insurreição nacional que vinha sendo articulada por Luiz Carlos Prestes e assessores da Internacional Comunista, Comintern, com sede em Moscou, antiga União Soviética, teve curta duração: eclodiu na noite do dia 23 de novembro, sábado; na manhã de 27, Quarta-feira, toda a cúpula do “Governo Revolucionário” tinha debandado. Lauro Cortez Pereira do Lago, José Macedo e João Batista Fontes Galvão foram presos nas proximidades de Canguaretama. José Praxedes de Andrade, sapateiro, passou quase 50 anos escondido na Bahia, trabalhando com outra identidade. Quintino Clementino de Barros foi preso e trancafiado em Natal, Recife Fernando de Noronha. O cabo Giocondo Gerbasi Alves Dias, que se feriu no início da rebelião, se escondeu na fazenda de um amigo no município de Jardim de Angicos e quase morre em consequência do seu envolvimento com a mulher do amigo. Em Natal, os militares e civis que aderiram ao movimento, fugiram para o Seridó, mas foram obrigados a retornar após o tiroteio com os integralistas, agricultores e fazendeiros na Serra do Doutor, em Currais Novos.

O governador Rafael Fernandes de Gurjão, eleito em 1935 e representantes das oligarquias dominantes no Estado, ordenou severas sanções contra os comunistas, cafeístas e adversários políticos do Partido Popular-PP. No Estado, foi instalado um clima de terror. Quem não estivesse com o governo, era inimigo. A delação e a repressão policial foi institucionalizada. Forasteiro, seja viajante ou um simples passageiro de um navio ancorado no porto que se atrevesse a andar pela cidade, era preso, investigado e vítima de vexames na Delegacia de Ordem Política e Social-DOPS. Ai daquele que não tivesse documentos! Era logo suspeito de ser comunista. Foi o que aconteceu com o espanhol Severino Torroba, natural de Seima, pianista de um navio, que, em 1936, se atreveu a fotografar os prédios da Cidade Alta, principalmente o Palácio do Governo.

O comissário Luiz Cisneiros, em 27 de maio de 1936, escreveu na sua “parte”: “Notando um investigador desta delegacia, número 29, que um estrangeiro fotografava ruas da cidade, pediu instruções a esta delegacia. Para lá me dirigindo, deparei-me com um individuo que se diz chamar Severino Torroba, de nacionalidade espanhola, apresentando como documento uma carta do Sindicato de Musicos do Rio de Janeiro. Afirma o detido ser pianista de bordo. Acha-se a disposição de V. S. Luiz Cisneiros”.

Foi preso e fichado e o seu dossiê recebeu o número 0138-A só “por achar-se batendo chapas photographicas”. O mesmo deu-se com Paulo Hutz, russo de Odessa, Gregório Weisberg, pernambucano e Atilio Rigali, artista argentino. Os três vieram a Natal a negócios e foram detidos “para averiguações” pelos dedicados tiras da polícia de Rafael Fernandes.



www.dhnet.org.br